

---

## ENTREVISTA COM MARIA DE LOURDES DA SILVA, A LOURDINHA: MESTRA ARTESÃ DO QUILOMBO CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS ENSINA A TECER CAMINHOS DE RESISTÊNCIA

---

Lucélia Gonçalves Moraes<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2665-4400>

<http://lattes.cnpq.br/1940222744081657>

**RESUMO:** Localizado em Salgueiro, no sertão de Pernambuco, o Quilombo de Conceição das Crioulas é uma comunidade fundada no início do século XIX por seis mulheres negras, as crioulas. O Quilombo tornou-se referência nacional, reconhecido por sua forte resistência e protagonismo feminino na luta por território, educação e preservação cultural. As crioulas teriam conquistado a posse de suas terras por meio do plantio e tecelagem do algodão. Maria de Lourdes da Silva, a Lourdinha, liderança local, professora e mestra artesã, coordena projetos como o “Mulheres Criadoras de Abelhas” e o “Pomares da Caatinga”, que integram saberes em prol da sustentabilidade ambiental. Em entrevista realizada durante o décimo Encontro de Desenvolvimento e Meio Ambiente (EDMA), promovida pelo PRODEMA-UFPE, Lourdinha destacou a importância da educação, da preservação do bioma caatinga, do replantio do algodão — símbolo cultural do quilombo — e da valorização dos saberes ancestrais. Ela reforçou a necessidade de respeito mútuo entre universidade e comunidades tradicionais, cobrando o retorno das pesquisas feitas nos territórios e reconhecimento das conquistas obtidas por meio da luta coletiva.

**Palavras-chave:** protagonismo feminino, educação quilombola, saberes tradicionais, ancestralidade, resistência.

*“É tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos, e que venham os dias futuros, a mística quilombola persiste afirmando: ‘a liberdade é uma luta constante!’”*

Trecho do poema “É Tempo de Nos Aquilombar”, de Conceição Evaristo

Data da entrevista: 29/08/2025

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-yCpQxaGvI>

---

<sup>1</sup> Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, na Universidade Federal de Pernambuco – PRODEMA/UFPE. Email: [lucelia.moraes@ufpe.br](mailto:lucelia.moraes@ufpe.br).

## 1. O Quilombo de Conceição das Crioulas

“A liberdade é uma luta constante”, nos diz a autora Conceição Evaristo, em seu poema “É Tempo de Nos Aquilombar”. Evaristo, nossa grande mestra, ensina que “é tempo de caminhar em fingido silêncio, e buscar o momento certo do grito, aparentar fechar um olho evitando o cisco, e abrir escancaradamente o outro”. Aquilombar-se, buscar refúgio entre os nossos, entre quem nos compreende e pode nos dar proteção e força para seguir os caminhos tortuosos que se apresentam. Eis a necessária existência e resistência dos Quilombos.

O Quilombo de Conceição das Crioulas figura como uma referência nacional na luta quilombola pela reivindicação de direitos. Lá foi instalada a primeira biblioteca afro-indígena do Brasil, ocorreu a implantação de uma educação específica e diferenciada destinada à formação de seus moradores, e a realização de concurso de professores direcionado para a categoria quilombola, marcos que servem de inspiração para outros quilombos brasileiros (Carvalho, 2016).

Conceição das Crioulas está localizado no município de Salgueiro, no sertão de Pernambuco, e sua história remonta ao início do século XIX, quando seis mulheres negras conquistaram terras e fundaram a comunidade.

Segundo a pesquisadora Maria Jorge Leite (2010), a história da comunidade é contada a partir da memória oral de seus habitantes, segundo a qual, ainda no “tempo dos reis”<sup>2</sup>, alguns negros e negras, vindos de Alagoas, possivelmente fugindo da escravidão, chegaram ao sopé da Serra Umã, hoje Serra das Crioulas. À época, a área integrava o município de Cabrobó, pois Salgueiro foi fundado somente em 1835. Na memória de seus descendentes, as negras ganharam destaque, pois conta-se que foram elas que conseguiram arrendar “três léguas” de terras, pagando com o fruto de seu trabalho no plantio do algodão e de tecelagem. O produto que fabricavam era vendido a cento e cinquenta quilômetros de distância, na cidade de Flores.

O nome do Quilombo está ligado à história que conta que, enquanto trabalhavam na cultura do algodão, as crioulas fizeram uma promessa: se conseguissem comprar as terras que ocupavam, ergueriam uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Quando o

---

<sup>2</sup> Refere-se principalmente ao período colonial, quando Portugal era uma monarquia governada por reis e o Brasil era sua colônia, ou ao reinado da monarquia brasileira (1822-1889), quando o Brasil teve seus próprios imperadores, que eram reis.

sonho se tornou realidade, as crioulas construíram a capela, dando origem à comunidade (Leite, 2010). Estabeleceram um território de liberdade, resistência e preservação cultural em meio às adversidades da época. Desde então, as mulheres desempenham papel central na organização social, na manutenção da identidade coletiva e na transmissão dos saberes tradicionais.

Ao longo dos anos, a comunidade consolidou-se como espaço de resistência, sustentada principalmente pela agricultura de subsistência, pelo cultivo do algodão e pelo artesanato, em especial o fiar e tecer, que se tornaram marcas culturais de Conceição das Crioulas. As mestras desempenham papel fundamental nesse processo, transmitindo conhecimentos sobre a agricultura, o uso de plantas medicinais, a espiritualidade e a preservação da oralidade (Carvalho, 2016).

Em 1998, Conceição das Crioulas foi oficialmente reconhecida como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, iniciando um processo de maior visibilidade e fortalecimento político. Desde então, a luta pela titulação de terras se tornou uma das principais bandeiras da comunidade, que enfrenta desafios relacionados a disputas territoriais e à garantia de seus direitos. A organização interna se dá por meio da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, responsável por articular projetos culturais, ambientais, educacionais e produtivos.

Nos dias atuais, o quilombo mantém viva sua identidade cultural através da música, da dança, da culinária, do artesanato e das práticas religiosas. Projetos como o Mulheres Criadoras de Abelhas e o Pomares da Caatinga unem saberes tradicionais e inovação, garantindo sustento para as famílias e preservando o bioma local. Outro movimento importante é o replantio do algodão, que não tem apenas caráter econômico, mas também simbólico, pois resgata a memória histórica e valoriza o trabalho das mestras tecelãs. Além disso, Conceição das Crioulas se tornou referência em educação quilombola, com escolas que incluem a história e a cultura local em seus currículos.

Assim, o Quilombo de Conceição das Crioulas é reconhecido como um dos mais importantes símbolos de resistência negra e feminina do Brasil. Sua trajetória mostra como a luta iniciada por seis mulheres no século XIX continua a inspirar novas gerações, reafirmando a identidade quilombola, defendendo o território e mantendo viva a herança cultural que atravessa séculos.

Figura 1: Lourdinha



Fonte: autora, 2025.

## 2. A nossa mestra entrevistada

Maria de Lourdes da Silva (Lourdinha) é uma líder quilombola, professora e artesã do Quilombo de Conceição das Crioulas. Reconhecida como mestra da comunidade, Lourdinha atua na preservação da cultura local e na transmissão de saberes tradicionais, especialmente na produção artesanal de algodão e na tecelagem, atividades históricas do quilombo. Ela coordena importantes projetos comunitários, como o Mulheres Criadoras de Abelhas, voltado para apicultura sustentável, e o Pomares da Caatinga, que visa o cultivo de plantas nativas e frutíferas, além da preservação ambiental.

Além de seu papel na produção e no cuidado com o território, Lourdinha integra a AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, associação que possui sete comissões, das quais ela atua nas comissões de geração de renda, de mulheres, e de patrimônio. Ela é conhecida por seu compromisso com a coletividade, seu trabalho com educação e capacitação de jovens, e por manter viva a memória e as tradições da comunidade. Lourdinha é também responsável pelo replantio de algodão e pelo fortalecimento de projetos educativos e ambientais, sempre com foco na preservação da cultura quilombola e na sustentabilidade do território.

### 3. A integração entre conhecimentos tradicionais e científicos

A entrevista que se segue ocorreu no dia 29 de agosto de 2025, durante uma transmissão ao vivo para divulgação do evento científico “Encontro de Desenvolvimento e Meio Ambiente” – EDMA, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Pernambuco (PRODEMA/UFPE), por meio do Laboratório de Pesquisa Integrada de Gestão de Ambientes (LAPIGA). Em sua décima edição, o encontro trouxe o tema: “Conhecimento tradicional e científico: integração para a sustentabilidade e qualidade de vida”, buscando proporcionar um espaço de troca de experiências entre a universidade e a sociedade civil como um todo, valorizando a integração entre conhecimentos na busca de melhorias na qualidade de vida de todos os povos.

Participaram também deste evento: a bióloga Janaína Vital de Albuquerque, o oceanólogo e professor Gustavo Goulart Moreira Moura, e a professora de educação no campo Edilene Santos Portilho. A entrevista foi conduzida pela doutoranda Lucélia Moraes. Está disponibilizada para acesso livre na plataforma Youtube, na página do Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, conforme o endereço virtual descrito nas referências bibliográficas deste artigo.

Cabe informar que, no dia da realização da entrevista, Lourdinha teve um imprevisto, e precisou acompanhar seu pai em uma consulta médica, no município de Recife-PE, distante mais de quinhentos quilômetros de sua cidade, Salgueiro. Perguntada se preferia não participar do Encontro, Lourdinha afirmou que não queria deixar de honrar um compromisso assumido, que faria a entrevista de toda forma, e sua participação ocorreu entre os momentos em que saía da Casa de Apoio, na cidade de Recife, e durante sua viagem de ônibus, diretamente da estrada. Isso por si só, já nos dá uma amostra de força e comprometimento com as causas em que ela acredita serem importantes para si e para sua comunidade.

Segue a transcrição da entrevista.

**Entrevistadora:** Lourdinha, seu pai já foi liberado da consulta, só me confirma se você já terminou o almoço e já pode conversar conosco?

**Lourdinha:** Sim, minha filha, já estava lhe aguardando.

**Entrevistadora:** Você consegue ligar a câmera, pra gente lhe ver?

**Lourdinha:** Vou mostrar a realidade aqui. Estamos saindo da Casa de Apoio, da cidade de Recife, pra pegar um ônibus, e voltar pra Salgueiro, e de Salgueiro voltar pro Quilombo. Aí, se por acaso eu sair de área, [minha conexão com a internet] cair, é por conta que tem localidade que cai, mas eu quero assistir até o fim, tá certo pessoal? Estamos aqui, entre muita gente correndo pra pegar o ônibus. Eu vou devagar, que meu pai está devagarzinho.

**Entrevistadora:** Tá bom. Eu vou apresentar um pouquinho você antes, tá? Antes de te fazer as perguntas. É emocionante ver a sua generosidade de ter aceitado nosso convite para estar aqui hoje conversando. A Lourdinha está com o pai doente, eles moram em Salgueiro-PE, e eles viajaram 500km para chegar em Recife e conseguir atendimento médico. E ainda assim ela disse que topava continuar participando desta apresentação. Estou encantada com a benevolência dela de estar participando. Antes de falar quem é a Maria de Lourdes da Silva, eu vou apresentar o Quilombo de onde ela vem. É a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Essa comunidade tem mais de 200 anos de história. Ela fica em Salgueiro, sertão de Pernambuco, e foi criada por seis crioulas, mulheres vindas da região de Panelas D'água, entre o final do século XVIII e início do século XIX.

Elas arrendaram uma área de três léguas em quadra, paga por meio de trabalho na lavoura e com a fiação de algodão. Então, sobre o algodão, depois eu até vou perguntar para a Lourdinha, porque faz parte do histórico da comunidade. Esse algodão era vendido em cidades vizinhas, e aí mais tarde, em 1802, elas conseguiram a escritura dessas terras. Hoje moram no Quilombo mais de 750 (setecentos e cinquenta) famílias, que estão divididas em 16 (dezesseis) núcleos populacionais, que eles chamam de sítios. Em 1998, o quilombo de Conceição das Crioulas foi reconhecido como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural do Palmares, e no ano 2000 ganhou titulação de uma área de 16.865 hectares. Porém, existem conflitos de ocupantes externos nessa área e que, infelizmente, não conseguiram, não foram retirados na época [da titulação]. No mesmo ano, foi criada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, que passou a reunir diversas associações existentes na maioria dos

sítios. A Associação Quilombola sedia a Comissão Estadual de Articulação das Comunidades Quilombolas de Pernambuco, que foi criada em 2003.

O nome do quilombo faz referência a essas seis crioulas que criaram e fundaram o quilombo, ressaltando a importância das mulheres na conquista do seu território, e a devoção a Nossa Senhora da Conceição. É uma referência estadual e nacional na luta quilombola pela reivindicação de direitos. O fruto dessa luta são as conquistas obtidas pelo quilombo. Eles conseguiram ter a primeira biblioteca afro-indígena do Brasil, e implantar uma educação específica e diferenciada, conquistando um concurso específico para a categoria quilombola em Pernambuco, que serviu de inspiração para outros quilombos, tanto em Pernambuco como no Brasil. Conceição das Crioulas foi ainda a primeira comunidade reconhecida no estado de Pernambuco e a primeira a ter o ensino médio no seu próprio território. Salgueiro, município onde está [localizado] o Quilombo, foi o primeiro município a ter concurso para professor Quilombola. Isso mostra como foi importante a luta dessas mulheres, e de todas as pessoas que moram no Quilombo de Conceição das Crioulas.

A resistência de todas essas mulheres levou a uma valorização e à criação de um projeto político pedagógico dentro das escolas, alimentando a luta de diferentes gerações pelo território livre. Essas informações estão disponíveis no caderno sobre o quilombo de Conceição das Crioulas, na Coleção “Terras de Quilombo”, baseado no relatório de identificação da comunidade [realizado no momento da titulação].

Agora falando sobre a Maria de Lourdes da Silva, a Lourdinha, ela integra a AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. A Lourdinha é professora, artesã homenageada como mestra da comunidade, faz parte da comissão de mulheres, da comissão de geração de renda e da comissão de patrimônio da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Ela coordena dois projetos muito importantes no Quilombo: o projeto Mulheres Criadoras de Abelhas, e o Pomares da Caatinga. É com essa pessoa, guerreira demais, que está nesse momento em viagem cuidando do pai e falando com a gente ao mesmo tempo, que vamos conversar.

**Entrevistadora:** Lourdinha, como é que você se sente, como é a sua atuação dentro desses dois projetos? Se puder resumir pra gente, dentro da possibilidade de como estiver aí o teu deslocamento também, por favor.

**Lourdinha:** Foi um tempo recorde, viu. Até eu entrar no ônibus e poder sentar. Então, minha gente. Sou essa pessoa, que Lucélia apresentou. E esse quilombo, abençoado por Deus, que a gente tem grande admiração e pertencimento. Uma das coisas que Lucélia pediu que eu aprofundasse, foi a questão do Pomar da Caatinga.

Mas primeiro eu vou dizer, sou artesã, tenho 57 anos, mês que vem já completo 58 e sou avó, sou artesã de algodão, que nem minha mãe era também. E a gente tem grandes trabalhos com o algodão. Tenho meus filhos também, que são pessoas que trabalham com a arte, né? E a gente tem essas histórias boas. Tem meu pai aqui de 88 anos<sup>3</sup>, completou agora, que é um artesão também, viu?. Ele é um grande artesão, que soube botar alimento na mesa através da arte dele por um tempo muito grande. Então, eu vou só dar uma fechadinha na minha câmera, porque eu tô me arrumando ainda.

Então pessoal, eu fico muito grata por esse momento também. Eu sou uma pessoa que não gosto de dizer não. Às vezes eu digo “eu vou me trabalhar”, que às vezes eu nem tô podendo, mas eu não sei dizer não. E aí, quanto mais que em relação a informações que a gente precisa também dar a outras pessoas de fora, outras aprendizagens que a gente precisa ter também, como trabalhar agora nesse momento com as pessoas que estão aqui, é uma aprendizagem também muito grande para minha pessoa, né? Então é uma troca de experiências. Então agradeço porque eu sei que tem aprendizagem intra, né? E aí, você me freia quando tiver faltando [acabando o tempo], porque eu falo bastante.

Veja só, a gente trabalha dentro do quilombo com a questão da educação. Dentro do nosso quilombo já passaram mais de 100 (cem) pessoas da educação, entre merendeiras, professores e vigias, pessoas que não eram da comunidade, e hoje, através de uma vereadora, minha prima, Givânia, que criou a lei para ter a educação específica e diferenciada dentro do quilombo, é que temos só pessoas da comunidade. Aí hoje, uma das coisas que a gente tá nessa lida muito grande é uma grande alegria de pertencer ao território, porque através da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas é que eu tenho essa área onde vocês estão vendo essa foto<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Minuto 57:13 do vídeo, disponibilizado no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=T-yCpQxaGvI>, em que Lourdinha mostra seu pai, durante a viagem de ônibus, retornando a Salgueiro.

<sup>4</sup> Foto da Figura 2, referente ao Projeto “Pomares da Caatinga, exibida no minuto 59:24 da transmissão.



**Figura 2:** Imagem do projeto “Pomares da Caatinga”, exibida no minuto 59:24 da transmissão.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Essa área é uma área de 5 ha de terra. Anteriormente ela era uma área de 3ha. Eu estive na coordenação da Associação, na qual um grande número de pessoas faz parte. A gente tinha decidido que a cada família a gente ia contribuir com 3 ha de terra. E aí desde o ano passado, quando voltou uma prima minha de São Paulo, passou muito tempo lá, mais de 12 anos, voltou e a gente colocou ela na associação Quilombola. Então ela veio trazendo outra reflexão mais avançada do que a gente, eu digo isso, que para as famílias poderia ser 5 ha de terra. Então deu uma melhoria até para mim, que criei junto com a comunidade essa prática, essa lei [anterior] de ser 3 ha de terra.

Então hoje eu tenho uma área de 5 ha de terra, compreendendo a área que é minha para eu cuidar. Porque toda essa extensão de terra que Lucélia falou, de quase 17.000 ha de terra, não é nossa, particular, é da associação, a gente cuida da área e pode ficar para o coletivo. Essa área de 5 ha de terra é minha, depois passo para meus filhos e nenhum dos meus filhos, nem neto, nem bisneto, terão direito a vender, porque é da associação, a gente cuida e cuida com muito carinho.

Então, nessa área é uma área que a gente dá aula, os professores e professoras vão para lá e outras escolas, universidades daqui de Recife, e de outros lugares, vão para lá para

Conceição e vão também para a minha área. E o bom também que eu acho é que essa [entrevista] aqui tá sendo gravado para todo mundo, tá no YouTube e as pessoas que futuramente possam estar vendo também esse vídeo, essa aula nossa aqui, vai tá podendo dizer: É mesmo, Lourdinha, eu sou da Universidade Federal de Pernambuco, já tive aí na sua localidade, já levei agrônomo pra lá pra ver como são as técnicas que vocês trabalham, sem botar veneno, que trabalham só com produtos orgânicos. Não coloca nada. Então, temos o maior cuidado com a nossa área. E aí estou coordenadora de um projeto que a gente intitulou As Mulheres [criadoras] das abelhas, que aí eu sou uma dessas que tô aí com essa camisa da FIPAGRI<sup>5</sup>, nos cocozinhas<sup>6</sup>.

**Figura 3:** Foto das Mulheres Criadoras de Abelhas, mencionada pela Lurdinha na entrevista



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Vocês já me viram aí nos cocozinhas, né? Somos um grupo de mulheres que trabalha criando abelha. Então, a gente faz intercâmbio. Essas três mulheres, elas são de Serra Talhada. Essa de preto e essa outra é mãe e filha, e essa outra é amiga de uma comunidade quilombola também. E aí assim, a gente, esse grupo aí, elas estão muito bem na questão da criação de

<sup>5</sup> FIPAGRI é Feira Integrada de Produtos da Agricultura Familiar, um evento promovido pelo Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) para reunir produtores rurais do estado e comercializar seus produtos.

<sup>6</sup> Cocozinho, “coquinhos africanos”, ou Bantu Knots, é um penteado protetor feito com pequenos coques enrolados no cabelo, comum na África. Nomeado em homenagem aos povos Bantu da África subsaariana.

abelhas, já estão ficando independente financeiramente, graças a Deus. E a gente tá começando, somos um grupo de mulheres, começamos com três mulheres que aderiram à ideia de criar abelhas.

Hoje nós somos seis mulheres, ainda cada uma com uma caixa, mas é de uma em uma que a gente vai chegar até o quanto a gente puder, e fazer o repasse também para outras pessoas, né? De uma em uma que chega lá. A gente vai, a gente sabe que é possível. Minha gente, me desculpa [o barulho], é que estamos dentro do ônibus do TFD<sup>7</sup>. O grupo [das mulheres criadoras de abelhas] já foi também para o Piauí, que daqui do Brasil, é o maior exportador de mel da América Latina.

Tem pessoas que é daqui de Recife, que vende mel para toda a área dos Estados Unidos. Então, a gente foi pra lá [para o Piauí] para também ter experiência, um intercâmbio de chegar e de perceber que é possível a gente também ser uma criadora de abelha, e foi a possibilidade também de nos fortalecer [enquanto] pessoas também. Que não é só o mel, né? O mel tem vários derivados. A pessoa que disser ‘não tenho coragem de criar abelha’, então vai para outros derivados. Você vai para outras coisas, do sabonete, do enxaguante bucal, de vela, de uma infinidade de coisas, [produção] de vinho, outras coisas. Esse projeto que eu coordeno, ele é do espaço feminista. É através do Espaço Feminista aqui de Recife, que tem como sua criadora a Patrícia Chaves<sup>8</sup>, uma grande mulher, que eu admiro e coloco o nome dela em todo lugar que eu puder.

E só temos isso tudo sendo vivenciado porque temos a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Porque tudo isso é aplicado no território. A gente precisa de espaço para fazer barreiro, para poder criar as abelhas. As pessoas que criam abelhas precisam ser pessoas que trabalham a favor do meio ambiente, a favor de não desmatar, a favor de fazer o replantio. Somos esse grupo, e através desse grupo também tem o Pomar da Caatinga, que é um projeto muito bom que a gente obteve, através de estudo que um grupo teve na Univasf<sup>9</sup>, em Petrolina e Juazeiro.

---

<sup>7</sup> TFD é o Tratamento Fora de Domicílio, benefício do Sistema Único de Saúde (SUS), que oferece transporte e ajuda de custo para pacientes que necessitam de tratamento de média e alta complexidade, que não estão disponíveis no município de residência.

<sup>8</sup> Patrícia Chaves é diretora do Espaço Feminista (EF) e cofundadora da Plataforma Feminista pela Terra e Territórios, organização feminista brasileira dedicada a promover o empoderamento político e econômico de mulheres.

<sup>9</sup> UNIVASF é a Universidade Federal do Vale do São Francisco, instituição pública federal de ensino superior criada pela Lei nº 10.473/2002, de 27 de junho de 2002, vinculada ao Ministério da Educação, sediada em Petrolina-PE.

A gente sabe que o período da pandemia foi um período muito árduo, doloroso e quem não perdeu família naquele momento, né? Mas ele trouxe uma possibilidade também desse sistema online. Através desse momento, que tinha um curso muito bom, tecnologia de baixa emissão de carbono, que a gente tinha muita vontade de fazer um curso desse e a gente só veio ter essa oportunidade no período da pandemia, porque foi online. Foi 70% online, e depois a gente fez presencial, viemos para Petrolina, para Juazeiro, na Embrapa. [Tinha pessoas de] várias localidades. Vivenciamos isso e pedimos para os coordenadores: “assim que tiver uma oportunidade de curso, de um edital, não deixe a gente de fora”.

Os coordenadores que são mais próximos da gente e parceiros, quando teve essa oportunidade de um edital da Caixa Econômica Federal, incluíram Conceição das Crioulas, e a gente foi vencedor. Nesse período, a Caixa Econômica é pagadora de uma pessoa, durante 3 anos, [paga] salário para tomar conta do viveiro. E esse viveiro produz as mudas de plantas em extinção, plantas nossas, que a gente percebe que é importante para o bioma. Isso para fazer o recatamento.

Temos também a oportunidade de plantas frutíferas. Temos na comunidade uma planta que se adaptou muito bem, há muito tempo, que é a pinha, que o pessoal chama de fruta do conde. Ela se diferencia nas três modalidades de pinha, tem essas grandonas, mas ela é muito forte também na nossa comunidade. Teve plantas nossas que resistiu a 7 anos de seca. Morreram muitas, mas ainda ficou plantas que tem mais de 50 anos, de 70 anos ainda resistiram. Então a gente optou por estar plantando esse tipo de planta.

**Entrevistadora:** E vocês estão chamando esse trabalho de “recatingar”, né isso Lourdinha?

**Lourdinha:** É. No projeto, tanto tem frutíferas, que é a mangueira, é a pinheira, é a acerola. São essas frutas que a gente tem, e a goiabeira. Mas o outro [objetivo] mesmo é a questão do recatingar. Então, nós temos uma área que a gente chama de SAF, que é uma área [em] que a gente tá colocando 15.000 pés de mudas. A gente cercou 1.670 metros de cerca, uma parte já existia, e a gente cercou essa área para produzir essas mudas.

Ainda que seja um pouquinho, porque o mundo é grande, mas a gente está fazendo um pouquinho, contribuindo para a preservação do meio ambiente. Esse 5 de junho fez 53 anos da



primeira conferência do meio ambiente, em 72, em Estocolmo<sup>10</sup>. Quando se trata de meio ambiente, a gente acha melhor tá plantando do que tá somente jogando lixo. Porque não existe outro lugar. Quem tá produzindo lixo, só tem esse meio ambiente, não existe outro. A gente tem essa compreensão de que a gente precisa cuidar.

No projeto das mulheres criadoras de abelhas, nós temos quatro jovens que são intituladas agentes de sustentabilidade do Quilombo. Essas meninas atuam para cuidar do pomar junto com o meu filho, que é a pessoa que é assalariada durante os 3 anos. Eu estou lá voluntária pelo Pomar da Caatinga, e também eu recebo em relação ao projeto, para estar fazendo o acompanhamento. A gente usa uma planta chamada amburana<sup>11</sup> de cambão<sup>12</sup>, que a gente usa para fazer cerca viva, sem matar o pé de amburana. Tiramos as estacas e fazemos as cercas vivas.

**Entrevistadora:** Eu queria que você contasse sobre o replantio de algodão, que tem a ver com o histórico da comunidade. Como está esse processo? Ele entra também no Pomar da Caatinga ou não?

**Lourdinha:** Dentro de uma outra área, que a gente chama “área da casa”, que é totalmente coletiva, que a gente cercou, de 840 metros de cerca, que é nesse local onde as mulheres, que sou uma dessas, que a gente esse ano começou o replantio do algodão. Temos um grupo de cinco mulheres plantadoras de algodão. A gente fez uma pequena experiência nessa área, mas infelizmente, entraram animais e destruíram tudo. Então estamos nos organizando para [reforçar] a cerca, e plantar melhor.

Através desse projeto do algodão, também a gente vai organizar um tear nessa Casa Grande, e a gente tem o projeto de restaurar a casa. Através de um projeto, com apoio da Sudene<sup>13</sup>,

---

<sup>10</sup> A Conferência de Estocolmo de 1972 foi a primeira reunião internacional a discutir a questão ambiental, estabelecendo as bases para a agenda ambiental global. O encontro resultou na Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano e no Plano de Ação, que definiram princípios para a gestão ambiental e levaram à criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

<sup>11</sup> A amburana (ou umburana) é uma árvore brasileira de madeira aromática e propriedades medicinais, usada na medicina popular para tratar problemas respiratórios como tosse, bronquite e asma, dores de barriga, reumatismo e gripes.

<sup>12</sup> Um cambão é uma barra ou vara, rígida ou flexível, que serve para conectar dois elementos.

<sup>13</sup> A Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) é uma autarquia federal brasileira responsável por planejar e executar o desenvolvimento socioeconômico da região Nordeste, promovendo investimentos, inovação e sustentabilidade por meio de incentivos fiscais e apoio a projetos estratégicos. Seu objetivo principal é reduzir as desigualdades regionais, fortalecer o setor produtivo e impulsionar o crescimento do Nordeste.

fizemos uma visita técnica na Embrapa<sup>14</sup> de Campina Grande, tornando eles parceiros nossos para reabrir o tear, dentro das novas tecnologias. A gente quer plantar o algodão, tecer, fiar e fazer as nossas roupas.

As roupas que a gente faz, trabalhamos sempre na coletividade, e trabalhamos por temática. As coleções são voltadas para a história da comunidade. A Coleção Trancelim<sup>15</sup>, é uma dança de Conceição das Crioulas. A gente trabalha a história do algodão, que é a história todinha escrita na saia. A planta que a gente decidir que vai trabalhar com ela, que é uma planta medicinal, a gente trabalha como coleção e tem levado para Fenearte<sup>16</sup>, onde nós estamos lá na ala dos mestres. Eu estou há 3 anos como mestra da minha comunidade em relação ao algodão e ao artesanato. E já teve outra mestra que passou 4 anos. Então nossa comunidade já participa há sete anos da Feira na ala dos mestres.

Essa feira de Recife começou há 25 anos, e nós estamos participando há 24 anos. Então muita gente conhece e muita gente quer as nossas roupas. Temos também, dentro da comunidade, onze mulheres homenageadas enquanto bonequinha de Caroá<sup>17</sup>. Eu sou uma dessas também, a professora Lourdinha. Somos 11 mulheres: é parteira, é agricultora, mulher que trabalhou com cerâmica, mulher que contou a história de fundação do quilombo para poder o governo federal realmente reconhecer, em 2000. Então a gente tem uma luta muito grande, muito gostosa, né? Agora estamos, há muito tempo, buscando [apoio do] INCRA<sup>18</sup>.

A gente tem dito, que não basta o governo ser de esquerda, ser o nosso governo. A gente tem que bater na porta dele para dizer que indenize as pessoas dali, para elas

---

<sup>14</sup> A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) é uma instituição pública brasileira, ligada ao Ministério da Agricultura, que se dedica à pesquisa, desenvolvimento e inovação no setor agropecuário do Brasil.

<sup>15</sup> Refere-se à dança do pau-de-fitas, uma dança folclórica europeia e brasileira em que dançarinos trançam fitas presas a um mastro central. Conhecido por diversos nomes regionais no Brasil, como dança-das-fitas, dança-da-trança ou trança-fita, o trancelim é praticado em festas populares, envolvendo movimentos de zigue-zague que tecem as fitas em volta do mastro.

<sup>16</sup> A Fenearte (Feira Nacional de Negócios do Artesanato) é a maior feira de artesanato da América Latina, realizada anualmente em Pernambuco, no Centro de Convenções de Olinda. Criada no ano 2000, é um evento que une cultura, tradição, negócios e identidade cultural.

<sup>17</sup> Uma bonequinha de caroá é um tipo de artesanato feito a partir da fibra da planta caroá, um tipo de planta típica da caatinga, especialmente no Nordeste do Brasil. Confeccionadas manualmente por mulheres, principalmente do Quilombo Conceição das Crioulas em Salgueiro-PE, essas bonecas são um símbolo de força feminina e cultura, servindo também como fonte de renda alternativa para as comunidades locais.

<sup>18</sup> O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) é uma autarquia federal brasileira responsável pela organização do uso da terra rural, realizando a reforma agrária e mantendo o cadastro e a certificação dos imóveis rurais do país. Suas principais atribuições incluem a gestão de terras públicas, a implantação de assentamentos rurais, a promoção da função social da propriedade e a administração do Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR).

desocuparem o nosso território, entregar o nosso território para que a gente possa trabalhar. Nós estamos com 176 pessoas inscritas.

**Entrevistadora:** Esse reconhecimento é muito importante, porque representa o reconhecimento da comunidade. A própria comunidade reconheceu vocês como mestras. De vários saberes, você como professora, artesã, todas essas outras mulheres que você citou. Então, demonstra o quanto a comunidade entende que, para continuar, precisa valorizar esse conhecimento que vocês já vêm desenvolvendo, e que outras antes de vocês também, outras e outros também desenvolveram, para que sigam adiante, né?

**Lourdinha:** E outra coisa que a gente diz também é o seguinte: nós temos essa mestra na área do artesanato, mas nós temos mestra nossa também que é da academia [da universidade]. Temos mestradas, temos doutora, nossa comunidade está recheada, graças a Deus. E temos também mestra na área fitoterápica. Pessoas que não terminaram o ensino médio, mas são pessoas que quando faz um xarope, é aprovado. Quando faz uma pomada, é aprovada. Dificilmente alguém que comprou uma pomada da minha prima Maria dos Santos, que não tenha voltado para comprar outra. Eu chamo ela de “minha doutora”. Eu digo que ela é minha doutora.

**Entrevistadora:** Maravilha! É exatamente o que a gente tá chamando dessa ponte, entre o conhecimento tradicional e científico. Lourdinha, duas das pessoas que estão nos assistindo disseram que o conhecimento que você trouxe tem tudo a ver com o trabalho de conclusão de curso que estão desenvolvendo, e uma delas está fazendo a seguinte pergunta: “Pelas suas experiências, o que nós da universidade precisamos saber antes de chegar nas comunidades? Como devemos nos preparar antes de realizar a pesquisa em campo?” E aí eu te peço, Lourdinha, que já responda trazendo também as suas considerações finais aqui pra essa nossa conversa. E mais uma vez te agradeço muito por ter estado hoje conosco.

**Lourdinha:** Estou aqui com 13% de carregamento [carga restante da bateria do celular]. Eu sempre me disponibilizo a tá respondendo porque eu creio que isso é conhecimento, porque eu não aprendo só, né? A gente não aprende só. E tem uma coisa que eu acho bastante

interessante, importante, é que as pessoas que vão à nossa comunidade, elas não têm que ir só buscar, elas podem saber que existe uma troca, porque todo conhecimento ele merece ser respeitado. Eu sei de uma coisa que você não sabe, e você sabe de coisa que eu não sei. Então, todo conhecimento é válido. Tem coisas que já aconteceram na comunidade, que [podem parecer] incrível e fácil. A gente fez agora, eu tô dizendo a gente porque foi a comunidade, porque foram as mestras, não era só uma, sobre a questão do medicamento na comunidade. Fizemos agora o quarto Encontro dos Saberes e Sabores da Comunidade, agora [no ano em] que nossa associação completou 25 anos. Então dia 17 de julho [de 2025] teve oficinas de fitoterápicos, e muitas pessoas da universidade participaram.

Tinha uma das meninas que fazem medicamento, que é pós-graduada. Mas tem outra que não terminou nem o ensino médio. Para nós, [ambas] são nossas doutoras, e foram pessoas da universidade que aprenderam com elas, foram lá para assistir elas fazendo os medicamentos e saíram de lá alegres, com os seus saberes, com as trocas.

Então, o que a gente precisa muito é de **RESPEITO**, porque tem pessoas que chegam na comunidade e aí tem aquele preconceito, chega dentro da comunidade procurando o “quilombo”. “Onde é o quilombo?” [eles dizem]. Não, o quilombo é aqui. “Ah, eu pensava que o quilombo era um lugar que só tinha aquelas casinhas de taipa, aquelas coberturas, aquelas cabanazinhas, aquelas coisas assim”. E nem todas as pessoas que vivem numa casa de taipa, é porque ela quer ter a casa de taipa, né? Então tem a ver com a questão do respeito e a questão do local. Por exemplo, eu moro num local seco, seco, como é que eu vou morar numa palafita? Mas tem pessoas que moram na palafita.

Existe a questão do respeito mútuo que precisa ter entre as pessoas, a gente precisa muito disso, compreender a vivência das outras pessoas. As pessoas que vivem em lugares que tem escolas em situação precária, não é porque é bonito não, é porque ainda não foram atendidas pelo poder público. Eu faço parte do CAE, o Conselho de Alimentação Escolar aqui de Pernambuco, e tem comunidades indígenas em que as escolas delas é debaixo de um pé de pau [árvore]. Aí a gente pode pensar: “Quem já viu um negócio desse?”. Tem escola que é só uma área, é só uma cobertura. Mas é porque eles acham lindo não ter um freezer pra guardar um alimento, pra botar uma água? Não, muitas vezes é porque o poder público ainda não chegou lá, não tem instalação [elétrica], a instalação é tirada da casa de uma outra pessoa.



Então, na nossa comunidade, o que nós temos? A gente tem cinco escolas, do pré[-escolar] até o ensino médio. Temos a creche. Mas aí assim, tem pessoas a quem ainda não chegou isso. Por quê? Porque não chega. Nós vamos atrás, nós vamos buscar. Nunca chegou nada na comunidade. Tudo que nós temos é porque a gente arrancou das mãos do poder [público] através das nossas lutas, que não são poucas, são árduas. São árduas! Quantas lutas que nós tivemos para ter uma escola do quinto ao nono ano, como a gente chamava antes, até a oitava série [do ensino médio]. Quantas [lutas]!?

Hoje a gente tem o ensino médio, mas quantas lutas a gente não fez? Quantas lutas a gente não fez pra ter a nossa pista [estrada], que fez cinco anos agora, e a nossa comunidade tem mais de 200 anos. Então é uma luta, a gente não tem nada que não veio da nossa luta. Tudo a gente arrancou, a gente foi atrás, a gente foi pra Brasília, a gente foi pra todo canto atrás, vinha aqui pra Recife, atrás do nosso decreto 4887<sup>19</sup>, das políticas que nos afirmam. Então, assim, a gente vem correndo atrás.

É isso o que eu tenho pra dizer. Quando as pessoas de pesquisa [os pesquisadores] vão na comunidade, a gente diz: “Levem o que vocês puderem ouvir daqui, mas nos devolvam um material, tanto faz ser digital como ser físico. A gente aceita, porque nós temos a nossa biblioteca.” O conhecimento, ele precisa ser mútuo. A gente não gosta quando alguém vai lá buscar o conhecimento e não [nos dá devolutiva], pois assim vamos ficar esvaziados. A gente precisa da troca, pra gente poder ser mais e melhor. É isso. Agradeço muito.

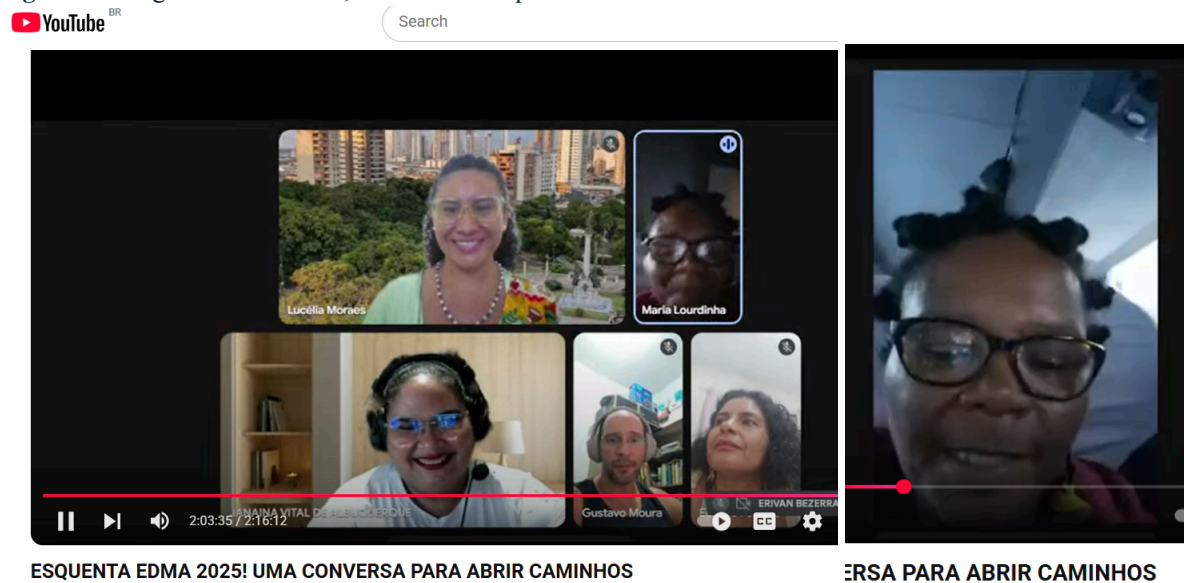
## **Agradecimentos**

À toda equipe da Comissão Organizadora do X Encontro de Desenvolvimento e Meio Ambiente – EDMA/PRODEMA/UFPE, pela colaboração na organização e realização do evento, que possibilitou a entrevista com a Lourdinha. À Fernanda Câmara Pereira, graduanda de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Pará – Campus Marajó-Soure, pelo apoio na transcrição desta entrevista.

---

<sup>19</sup> O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, é a legislação que regulamenta o procedimento administrativo para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos no Brasil. Ele estabelece a definição de comunidade quilombola, o papel do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e da Fundação Cultural Palmares no processo, e garante a posse das terras para a continuidade de sua reprodução social, cultural e econômica.

**Figura 4:** Imagens da entrevista, transmitida na plataforma YouTube.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=T-yCpQxaGvI>.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Letícia de Alvarenga. **Quilombo de Conceição das Crioulas**. Coleção Terras de Quilombos. 16 p. Belo Horizonte: FAFICH, 2016.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano III, Nº 6, dez. 2010.

SILVA, G. M. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do Território Quilombola de Conceição das Crioulas**. 199p. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. **Esquenta EDMA 2025! Uma conversa para abrir caminhos**. Transmissão no Youtube realizada e publicada no dia 29 de ago. 2025. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=T-yCpQxaGvI> >